

Estava contudo preparado para a mensagem que Menotti, em doses cada vez mais poderosas, destilava em sua seção no *Correio*. Era talvez o único na agrária Jaú a compreender o que se passava no cenário cosmopolita. A vida literária local era acanhadíssima, como reconhecia em 1921 o *Comércio de Jaú*, órgão do Partido Republicano local, nos seguintes termos: “Não lhe faltam individualidades. Falta-lhe, porém, ambiente. Apesar de certos louváveis esforços pessoais e de iniciativas como a do Jaú Clube, trazendo-nos Martins Fontes e Amadeu Amaral, circulam por aqui quase que exclusivamente as letras... de câmbio”.¹⁸ Uma dessas individualidades era um certo Francisco Bertino, poeta municipal de sabor camoniano, em quem Apolônio afortunadamente encontrou uma muralha de resistência contra as idéias de renovação estética. Pôde assim concentrar nele a sua fúria iconoclasta. É a Bertino que Apolônio dedica, em julho de 1921, um revelador artigo publicado no *Comércio*¹⁹ e que não passará despercebido a Menotti em São Paulo. O artigo, intitulado “São Paulo Futurista”, se não tem o tom de um manifesto, traduz muito objetivamente uma tomada de posição pública a favor do movimento. Visa a hipotecar-lhe o aplauso da província e explicar aos provincianos (leia-se Bertino) a nova concepção de arte livre.

“Se a máxima qualidade do artista é a personalidade”, escreve, “antes de condenarmos uma obra que nos põe a idéia de arte em molambos e que dá ao que há de burguês em nossos nervos arrepios desnorteantes, cumpre indagar se o desafio não é mais nosso do que do artista”.

O futurismo é um rótulo. Como romantismo. Como classicismo. Não se lhe pode dar outra importância. Tanto beleza pode haver num poema futurista como numa página de Homero ou de Camões. Desprezar-se Paul Fort, por exemplo, por futurista, é o mesmo que não querer enxergar as qualidades de Camões, por clássico. Fora disso, o melhor, a meu ver, será o que melhor falar ao nosso sentimento.

Conciliador, busca aproximar os contrários, passando por alto as picuinhas paulistanas: “Futurista é Lobato, o estilo mais forte e original do Brasil”. Mas, “tirante Lobato e a lira oceânica de Santos, Martins Fontes”, não havia em São Paulo quem pudesse “rivalizar com os chefes futuristas”. Ambas as exceções demarcam bem as hesitações que ainda subsistiam nele, e que desaparecerão por completo quando a figura paralisante de Lobato for

mais tarde substituída, no altar de sua devoção, pelo tótem avasador de Mário de Andrade. Por enquanto é Oswald quem mais o impressiona: “Do que sei é que é dos chefes futuristas o mais convicto e o que mais trabalha. Como escritor, Menotti o garante, será a maior revelação deste tempo... Tem prontos para isso três romances”.²⁰

Ao fim de duas colunas compactas, termina perguntando-se: “O que resultará, afinal, de todo esse movimento? Não passará de uma blague prodigiosa desses rapazes com côcegas de talento e brilho?” Mas considera: “Seja como for, eles têm o meu aplauso provinciano”.

Da sua mesa no *Correio*, Menotti recolhe a aclamação do “galhardo crítico jauense” no exato instante em que se prepara ele próprio para renovar sua profissão de fé no futurismo e fazer mais uma de suas freqüentes correções de curso. “Sou futurista”, esclarece, “não no sentido idiota e dogmático que a liturgia artística dos alucinados reformistas italianos inventou. (...) Sou futurista no sentido que tão bem apreendeu o sr. Apolônio Hilst num magistral artigo publicado no *Comércio de Jaú* a 5 de julho corrente”.²¹ O trecho citado por Menotti, e que segundo ele traduziria a sua concepção de futurismo, é o seguinte:

Futurismo é em gíria sinônimo de absurdo. Eu dou-lhe um significado mais amplo e mais nobre. Para mim, futurista é todo aquele que destri-lha da arte acadêmica, tão chocha, tão chinesa em sua correção panúrgica de arte de funcionários públicos, e segue desassombradamente seu caminho próprio, prezando acima de tudo a independência.²²

Essa troca de amabilidades funcionou para Apolônio como uma sagração, e a partir daí seus cadernos se tornam mais carregados de futurismo — esboços de artigos, comentários, resenhas, paradoxos, aforismos, cartas e até alguns poemas de fatura moderna. Tinha a si mesmo em alta conta, por essa época. Mais jovem que Mário, que Oswald e Menotti, não se imaginava potencialmente abaixo de nenhum deles. Na já citada carta a Oswald a propósito de *Klaxon*, faz uma confissão: “Quando Monteiro Lobato começou a vender livros”, estabelecendo uma pausa provisória em sua atividade de escritor, aí por volta de 1920, “eu quase queimei minha sitioca para pegar a bandeira que ele jogara fora”. Mas isso implicava abandonar a fazenda, o negócio cafeeiro e ir para São Paulo. Por que não o fez? Porque, segundo explicou a Oswald,